



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**O TRABALHO DO SEXO NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO  
BRASIL**

Paulo Rodrigues Cerqueira  
cerqueirameister@gmail.com

PPGA/UFRGS

Brasil

Guilherme Dornelas Camara  
guilherme.dornelas@ufrgs.br

Departamento de Ciências Administrativas/UFRGS

Brasil



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### RESUMO

O texto tem como tema principal o trabalho do sexo. Chamamos atenção para o aspecto reprodutivo desde o trabalho, que, junto com a domesticidade, demarcam o estatuto concedido às mulheres na produção e reprodução do capital. Especificamente, voltamos a elementos teóricos fundamentais para compreender o trabalho do sexo no contexto da reestruturação produtiva que vivemos no Brasil, nos dias atuais. De acordo com Federici (2010), o corpo feminino não é somente terreno de exploração, mas também terreno de resistência. Baseando-nos no materialismo histórico dialético, a análise que empreendemos coloca em relação os determinantes socioeconômicos com o sexismo e o trabalho do sexo. Apenas voltando a análise à produção e reprodução das dinâmicas entre capital e trabalho, pode-se evitar a falácia propalada por conceitos e categorias identitárias que atualizam a promessa burguesa de liberdade e prosperidade. A referência a Federici, em sua obra *Caliban e a Bruxa* (2010), é de especial contribuição, pois ela reinterpreta história das mulheres com base na luta de classes e destaca: (a) o desenvolvimento de uma nova divisão do trabalho, que compreende o trabalho feminino, a função reprodutiva das mulheres e a reprodução da força de trabalho; (b) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e sua subordinação aos homens; (c) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, uma máquina de produção de novos trabalhadores; (d) a caçada às bruxas dos séculos XVI e XVII – um ataque genocida às mulheres “desviantes”, e a modelos comunitários de família, que decorreu na produção do “trabalho normal de mulheres”, como um serviço individualizado, de propriedade privada, mesmo “natural” e não-salariado. Nesse amplo movimento de separação dos trabalhadores de seus meios de subsistência e a nova dependência das relações monetárias, a feminilização do trabalho reprodutivo e a degradação social das mulheres foi fundamental para a acumulação de capital. Na nova organização do trabalho, as mulheres se converteram em “bem comum”, como um “não-trabalho”, em um “recurso natural”, progressivamente sob os cuidados do estado burguês, que passa a ser o principal supervisor da reprodução e disciplinamento da força de trabalho. A prostituição assume, então, um protagonismo peculiar, sendo tomada como um serviço público (grande fonte de impostos) e remédio útil alienante contra rebeliões proletárias e as vagabundagens, no período de êxodo e estabelecimento das cidades e do aparelho estatal (como exemplo, as prostitutas eram acompanhantes dos exércitos). Cabe, então, apropriar-nos criticamente da análise feita por Federici para pensar sobre essa atividade produtiva e reprodutiva no contexto das relações entre capital e trabalho no Brasil contemporâneo.

### ABSTRACT

The main theme of the paper is sex work. We call attention to the reproductive aspect of such work, which together with domestic work, mark the status conceived for the women in the process of producing and reproducing capital. Specifically, we focus on theoretical elements that are fundamental to understand sex work in the context of the productive restructuring that we face in Brazil nowadays. According to Federici (2010), the feminine body is not only a terrain for



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

exploitation, but also of resistance. Basing the analysis in historical dialectical materialism, we put in relation the socio-economical determinants of sex work, such as sexism and reproductive functionings. Only getting the analysis of sex work back to the (re)productive dynamics of capital and labour, it is possible to avoid the phalacy propped by identity concepts and categories that keep up-to-date the bourgeois promise of liberty and prosperity. The reference to Federici, in its piece *Caliban and the Witch* (*Caliban y la Bruja*, 2010), is of special contribution, because she re-interpretates the history of women basing it in the class struggle and highlights: (a) the development of a new labour division, which comprehends women work, the reproductive functionings of women and the reproduction of labour force; (b) the building of a new patriarchal order, based on the exclusion of women from waged work and its subordination to men; (c) turning mechanical the bodies of proletariat and, for women, turning them in machines of producing new workers; (d) the hunting of witches in the centuries XVI and XVII – a genocide attack towards defying women and comunitary models of family, turning the “normal work of women” as a individualized service, of private property, even “natural” and not paid. In the wide movement of alienation of workers from their ways of subsistence and the new dependency of monetary relations, the feminization of reproductive work and the social degradation of women as fundamental to the accumulation of capital. In the new organization of labour, women are converted in “common good”, as a “no-work”, as a “natural resource”, progressively took under care of the bourgeois State, which is converted in the main supervisor of reproducing and disciplining the labour force. Prostitution assumes, though, a peculiar protagonism, as it is formed as a public service (generating taxes) and a alienating utile medicine against proletarian rebellions and vagabond in the period of rural exodus and establishment of the cities (in example, the prostitutes followed the migration of the armies). The task here proposed is to critically appropriate the analysis made by Federici to think about this (re)productive activity in the context of the relations amongst capital and laborpower in Brazil nowadays.

### **Palavras-chave**

Trabalho do sexo. Reprodução do capital. Trabalho reprodutivo.

### **Keywords**

Sex work. Capital reproduction. Reproductive work.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

### I. Introdução

Nesse ensaio teórico desenvolvemos o argumento de que o trabalho do sexo não é dimensão paralela ou alijada do trabalho geral, mas constitui parte fundamental da totalidade do capitalismo dependente brasileiro, para o qual desempenha importante função reprodutiva. É mister definir, ainda que provisoriamente, o que compreendemos por 'trabalho do sexo'. Entendemos que esse termo define as atividades envolvidas em toda a indústria do sexo, isto é, na organização social e econômica do trabalho e da venda de serviços sexuais em contextos de um 'comércio' heterogêneo de serviços sexuais físicos reais (relações sexuais vaginais ou anais, penetração oral, masturbação etc.) e virtuais (Gall, 2010). Esta dinâmica é composta por diferentes atividades como a dança erótica; *peep shows*; revistas, vídeos, fotos, gravações de áudio, sexo por telefonemas (*disk sex*); *chats* e videochamadas de sexo; e, evidentemente, a tradicional prostituição. Destacamos a prostituição como o trabalho do sexo por excelência e é a essa atividade, especificamente, que nos dirigimos neste trabalho. A prostituição, como forma elementar do trabalho do sexo, determina as outras manifestações quanto às suas lógicas, permissões, interdições, processos, valores e insere a si a seus correlatos nas interações entre produção, troca, distribuição e consumo que compõem o circuito do capital.

Nos deteremos, aqui, na forma como os trabalhadores do sexo, e o trabalho do sexo em geral, são inseridos no circuito do capital desde sua materialidade no contexto da reestruturação produtiva no Brasil. Por isso, iniciamos nossa análise a partir do próprio trabalho, a atividade vital geradora de valor (Marx, 2007). Na noção clássica de prostituição, essa atividade é o encontro entre trabalhador e consumidor, conhecidos popularmente como 'programas', em que o desejo sexual do consumidor é satisfeito mediante o pagamento (por hora ou modalidade sexual) ao trabalhador; em termos gerais, os programas parecem não conhecer barreiras de gênero, sexualidade, idade ou quaisquer condições fisiológicas, mas estão em perfeita consonância com as vias de autovalorização do capital.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No trabalho do sexo, diferente do que acontece em outras realidades laborais, é comum a relação direta com o consumidor, sendo que muitas vezes os trabalhadores são responsáveis pela produção, distribuição e troca dos bens, demandando uma maior complexificação e variação na relação bilateral trabalhador-empregador como no caso da pornografia *online*, ou mesmo na questionável independência da trabalhadora de rua (de “empreendedorismo”) que, mesmo que tenha adquirido de forma independente algum cliente, necessita alugar algum espaço para a produção e entrega dos seus serviços na geração de mais-valor, ou submete-se à suposta proteção de um rufião (ou cafetão). Embora a troca, muitas vezes, aparente ocorrer de forma atomizada e informal isso não prejudica o processo global de autovalorização do capital (Gall, 2010). O preço de um programa é definido pelo seu tempo de duração ou dos resultados alcançados.

Trata-se, portanto, de uma indústria que complexifica as dimensões contratuais, relacionais, espaciais e temporais em relação ao trabalho tradicional no capitalismo, marcada pela carência e grande dispersão não somente de dados econômicos, mas pela ausência de abordagens que dêem conta de compreender as dimensões ideológicas e organizacionais em sua essência e totalidade.

De acordo com Weitzer (2009) a literatura acerca do trabalho do sexo apresenta um cenário distorcido desta atividade, apresentando uma concentração de estudos na prostituição de rua, de trabalhadoras mulheres, em situação ilegal, não se atentando para a nova indústria do sexo (serviços *online*) e para trabalhadores internos (bordéis, casas de dança etc), sem se atentarem para o recorte de gênero e sexualidade (dos michês e transgêneros), assim como nos clientes e gerência (cafetinagem ou rufiagem). Diante disso, o autor defende um paradigma polimorfo que englobe uma “constelação de arranjos ocupacionais, relações de poder e experiências de trabalho” (Weitzer, 2009: 215). Essas novas e diversas manifestações do trabalho do sexo são coetâneas às transformações na realidade do mundo do trabalho (Antunes, 2002).

Apesar de reconhecermos as múltiplas aparências do trabalho do sexo, discordamos da ideia de um paradigma polimorfo que se atém à analisar as distintas aparências desse fenômeno. Cabe aqui a defesa de uma abordagem materialista, embasada na Teoria do Valor desenvolvida por Marx (2007), uma “ontologia do capitalismo a partir de uma metafísica da vida, da sensibilidade humana como necessidade, da pessoa do trabalhador como exterioridade” (Dussel, 2012: 20). Partindo dessa



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ontologia, almejamos identificar as determinações reais do trabalho do sexo impostas pelo capitalismo dependente no contexto da reestruturação produtiva no Brasil. Isso permitirá reconhecer a articulação do trabalho do sexo ao trabalho geral e à totalidade do capitalismo dependente brasileiro.

Compreendemos que o trabalho é determinação constitutiva do ser social; é “a chave para a compreensão da unidade dialética da necessidade (lei) e da liberdade” (Duayer & Medeiros, 2007: 3). Nesse movimento, cada ato de trabalho singular, no fluxo da práxis social, também se alça à totalidade sem que esta relação com a totalidade deixe de ser objetivamente contraditória (Lessa, 2014). Diante disso, universalidade e singularidade se encontram sempre em relação dialética, participando como determinações ontológicas do movimento do ser social, possuindo o mesmo *quantum* de ser, e esta relação possibilita aos indivíduos elevar à consciência as incessantes sínteses do processo contraditório entre a individualidade e a socialidade (Lessa, 2014).

Reconhecer a ontologia do trabalho para os trabalhadores do sexo, impõe-se como tarefa *sine qua non* para a rearticulação das atividades desta natureza com o trabalho geral e com a totalidade do capitalismo dependente brasileiro. Para isso, organizamos o presente texto da seguinte maneira: além desta introdução, tecemos algumas considerações sobre o trabalho do sexo; em seguida, articulamos esse trabalho ao trabalho geral sob a ontologia do ser social (Lukács, 2012; 2013), momento necessário para compreendermos o caráter (re)produtor do trabalho do sexo para a totalidade do capitalismo dependente contemporâneo, no contexto da reestruturação produtiva no Brasil. Ao final, tecemos algumas considerações, seguidas da lista de referências.

## **II. Considerações sobre o trabalho do sexo**

Dada a natureza complexa e difusa desta atividade, o conceito de trabalho do sexo é um conceito em disputa (Gall, 2006; 2010; Weitzer, 2009). Weitzer (2009), ao analisar o campo acadêmico de debates acerca do trabalho do sexo, aponta para dois paradigmas predominantes: o paradigma opressivo e o paradigma do empoderamento. O paradigma opressivo defende a abolição do trabalho do sexo, atualmente articulado tanto por grupos do intitulado feminismo radical (sendo que muitos destes grupos partem do princípio de que o trabalho do sexo não é um trabalho), tanto



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

por grupos conservadores reacionários e religiosos. De acordo com Gall (2006), o feminismo radical despreza a noção de trabalho do sexo como trabalho, pois a venda do corpo e de serviços sexuais implica na venda da mulher em uma estrutura patriarcal na qual a exploração e violência sexual da mulher está implícita. Assim, segundo Weitzer (2009), o feminismo abolicionista toma a venda do sexo como inerente e irradicavelmente como um tratamento opressivo e objetificante de mulheres em uma estrutura ahistórica e universalizante de relações patriarcais de gênero. Federici (2010) aponta os erros e limitações das abordagens do feminismo radical e do feminismo socialista. Para a autora, o erro do feminismo radical consiste em trabalhar com estruturas transhistóricas que operam de forma independente das relações de produção e de classe.

No “diâmetro oposto” está o paradigma antiessencialista do *empoderamento*, que foca na agência humana como qualificadora do comércio sexual para o ganho mútuo de todas as partes, defendendo a legalização e regulamentação da profissão (Weitzer, 2009). De acordo com Gall (2007), esta perspectiva é formada por diferentes ativistas, membros de ONGs e grupos de assessoria e auxílio de profissionais do sexo que reconhece o caráter degradante, violento e explorador do trabalho do sexo, porém atua em práticas de auto-organização destes profissionais para a conquista de direitos civis e o auto-emprego, muitas vezes considerando a possibilidade de construção de um capitalismo potencialmente melhor. Conforme Gall (2016), o discurso do trabalho sexual é construído na década de 1970 em resposta às abordagens abolicionistas, defendendo este trabalho como moralmente legítimo, socialmente útil e apto a ser tratado como as outras formas de emprego, sendo que os trabalhadores podem conquistar a autorrealização nesta profissão. Como princípios e posições centrais desta abordagem Gall (2007: 8-9) destaca:

a) A produção e troca, rotineiramente chamadas de "venda", de sexo, serviços sexuais e artefatos sexuais são meios de subsistência econômica ou renda para os trabalhadores assalariados.

b) A "venda" de sexo, serviços sexuais e artefatos sexuais representa um dos principais aspectos da mercantilização do sexo no capitalismo ou o "mercado livre". Esta “venda” representa a transformação do trabalho em valor de troca. Consequentemente, o trabalho é denotado como trabalho "erótico" e pode ser subsumido com a categoria de "trabalho de serviço".



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

c) O trabalho sexual não é apenas o resultado da compulsão ou coação econômica ou física, mas também de escolha, embora de natureza restrita e determinada por outras forças sociais.

d) O trabalho sexual representa uma escolha racional e uma ação dada limitações no trabalho e oportunidades de emprego para profissionais do sexo. Sua abolição negaria aos profissionais do sexo um meio de subsistência e sustentação para eles e seus dependentes.

e) O trabalho sexual não é uniforme, monolítico ou universal na sua forma, conteúdo e ambiente. Em vez disso, ele pode, e pode retratar uma gama de características variadas de nível de micro ou meso dentro da estrutura.

f) O trabalho sexual pode oferecer benefícios em relação à remuneração e às condições de trabalho que são superiores a muitos empregos disponíveis para aqueles que não têm habilidades, qualificação e experiência profissional, mas demanda certas habilidades sociais e interpessoais.

g) A ilegitimidade e a criminalização, além de suas medidas punitivas diretas, também perpetuam a estigmatização. A realização e / ou a realização de aspectos que satisfazem os aspectos do trabalho sexual podem ser alcançados por regulação (auto-extra-self) e os aspectos degradantes, prejudiciais e degradantes também podem ser diminuídos pelos mesmos meios.

h) Os profissionais do sexo precisam de direitos concretos no "aqui e agora" através de reformas legais, como a descriminalização ou a legalização do trabalho sexual, que facilitem na negociação com empregadores e na busca por meios individuais e coletivos para melhorar a remuneração e as condições de trabalho.

i) Os trabalhadores do sexo fabricam identidades e estratégias para tentar exercer o controle sobre o esforço, a remuneração, a segurança, o trauma etc da mesma forma que outros trabalhadores.

### **III. Rearticulando o trabalho do sexo ao trabalho geral sob a ótica da ontologia do ser social**

A ontologia marxista se atém à continuidade da matéria mediada pelos saltos ontológicos do inorgânico à matéria orgânica, assim como da seguinte constituição da matéria social proporcionada pelo pôr teleológico. O ser social instaura-se, desenvolve-se, ganha corpo (objetivando um mundo



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

próprio, um ser-para-si) com o pôr teleológico no trabalho, com a práxis, superando tendencial e constantemente as leis da natureza para determinações reais cada vez mais (puramente) sociais (Lukács, 2012). Para Lukács (2013: 91) “é somente no comportamento laboral do homem que teoria e práxis coexistem entre teleologia e causalidade e, destarte, tornam-se um único e idêntico complexo do ser, o ser social”.

O salto ontológico proporcionado pelo trabalho exerce essa função transformadora que atualiza o ser social, modifica a natureza, assim como tudo que dela (por ele) é socializado e construído. Destarte, a consciência só se desenvolveu na história tendo como base o desenvolvimento da materialidade e, conseqüentemente, de todo o desenvolvimento processual que produz um “materialismo prático”, um conhecimento cada vez mais aproximado da realidade objetiva (Lukács, 2013: 130).

A objetivação da teleologia, além de transformar a natureza e a individualidade humana, desenvolve a sensibilidade, constitui um conhecimento mais aproximado acerca da realidade do mundo e insere, incessantemente, novas conexões ontológicas, novas possibilidades e necessidades objetivas para além da finalidade inicial (Lukács, 2013). Cada ato singular alternativo “[...] contém em si uma série de determinações sociais gerais que, depois da ação que delas decorre, tem efeitos ulteriores - independentemente das intenções conscientes -, produzindo alternativas de estrutura análoga e fazendo surgir séries causais cuja legalidade vai além das intenções contidas nas alternativas” (Lukács, 2012: 345).

De acordo com Lukács (2013: 104), a essência ontológica do dever-ser no trabalho orienta-se ao sujeito que trabalha e determina “não apenas seu comportamento no trabalho, mas também seu comportamento em relação a si mesmo enquanto sujeito do processo de trabalho”, “do ponto de vista do sujeito um trabalho só pode ter êxito quando realizado com base numa intensa objetividade, e desse modo a subjetividade, nesse processo, tem que desempenhar um papel produtivamente auxiliar”. Nesse sentido, o processo de autodomínio do homem é efeito do dever-ser, dessa objetividade reguladora, no “crescente domínio de sua compreensão sobre as suas inclinações e hábitos etc.” (Lukács, 2013: 104).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

É somente com o desenvolvimento das relações sociais nos processos teleológicos, cujas finalidades são a indução de outros homens a pores que eles mesmos deverão realizar, que a subjetividade ganha um estatuto diferente. “Essa relação é o fundamento tanto do surgimento do dever-ser em geral do tipo humano-social de satisfação de necessidades quanto da sua constituição, da sua qualidade particular e de todas as barreiras de determinação do ser que são geridas e determinadas por esse dever-ser enquanto forma e expressão de relações de realidade” (Lukács, 2013: 105). Nesse sentido, as legalidades são objetiva e indissolúvelmente ligadas, dialeticamente, a atos individuais de caráter alternativo e a relação dialética entre o indivíduo (sujeito da alternativa) e o universal (regido por leis) não cria séries fenomênicas autorreferenciadas, mas séries da essência social verificadas “apenas no *médium* representado pelos homens, que são por princípio individualizados” (Lukács, 2012: 346).

A determinação do dever-ser no trabalho e a compreensão do sujeito como um sujeito trabalhador em um processo produtivo também abarca as relações de trabalho do sexo, independente da exploração do trabalho do sexo, ou da ideia de um trabalho do sexo livre. Seu trabalho se alça à totalidade. Assim como qualquer outro trabalhador, o trabalhador do sexo, enquanto trabalhador livre dos meios de produção, está submetido à venda de sua força de trabalho como necessidade ontológica para a produção e reprodução de sua vida. “Não há, para o trabalhador, desprendimento possível entre seu corpo físico e sua capacidade de trabalho e entre sua existência como ser vivo e esta capacidade” (Osorio, 2017: 44). Resta compreender as singularidades desse trabalho frente à universalidade do trabalho em geral.

A realização do capital enquanto processo tem ponto fundamental no valor, especificamente no valor-de-troca, posto que é apenas no capital que o valor-de-troca existe de tal modo que se preserva na circulação. Marx (2007) identifica nesse processo um curso auto-renovador da troca, no qual “o dinheiro e a mercadoria são sempre remanescentes”, ou seja, no capital, o valor preserva a sua identidade em cada uma de suas diferentes substâncias. Enquanto essência do capital, o valor atravessa as substâncias do processo de modo a manter-se vivo, produzindo e reproduzindo o capital. O curso do capital acaba por obscurecer a essência última do capital, que é o valor. “O valor não é uma forma ou maneira de aparição do capital; é o capital mesmo em sua invisibilidade



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

profunda, fundamental, essencial. As formas de 'aparición' do capital podem ser o dinheiro, a mercadoria, o produto etc. como capital. Mas o valor nunca pode aparecer na circulação como tal” (Dussel, 2012: 127).

Ao olharmos para o caráter produtivo do trabalho na produção de valor e da própria vida do trabalhador, temos a complexificação do conjunto das relações sociais tomando como base o dinheiro como mediador universal das relações sociais. Para a/Na prostituição, bem como para todo o trabalho do sexo virtual ou real, o dinheiro aparece, também, como esse mediador universal. Ao submeter a satisfação das necessidades mais íntimas, ao mesmo tempo naturais e produzidas socialmente<sup>1</sup>, aos circuito do capital, o trabalho do sexo reforça, também intimamente o dinheiro como mediador universal das relações sociais.

A possibilidade da alteridade desaparece com a relação entre dois (ou mais) sujeitos que relacionam-se intimamente entre si mediados pelo dinheiro. A libido, o desejo, a atração sexual, as fantasias eróticas transmutam-se de puros constituintes da subjetividade a meios de produção capitalista. Como afirma Dussel (2012: 88), “os indivíduos solitários só se comunicam na medida em que cada um produz uma mercadoria para o mercado e a troca por outra mercadoria que outrem produziu para o mesmo mercado. E a fundamental 'relação social' dos produtores se realiza somente na circulação”. Assim, o que é social ganha um caráter perverso, pois não há um 'frente a frente' entre os trabalhadores, mas uma relação coisificada no mercado, entre as coisas, que adentra a seara do sexo e dos desejos. “O dinheiro é uma mediação necessária para socializar as relações humanas – em si mesmas, estas relações não existem, são abstratas. Os homens só se relacionam no 'mundo' das mercadorias, no mercado e fora dele são totalidades solipsistas. Esta é a crítica fundamental de Marx contra o capitalismo e contra sua pretensa 'liberdade individual' – que, na realidade, é alienação individualista” (Dussel, 2012: 88).

Temos, então, a ideia de que o trabalho do sexo não é uma manifestação menos alienada do trabalho, por uma suposta autonomia dos trabalhadores que se prostituem, mas justamente que o trabalho do sexo empreende um aprofundamento da alienação do trabalho e das demais instâncias

---

<sup>1</sup> Para uma teorização sobre as necessidades, recomendamos Heller, A. (1976). *The theory of need in Marx*. London: Allison & Busby.



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

das relações sociais ao reproduzir nestas últimas a forma dinheiro como mediador universal das relações sociais.

#### **IV. As funções produtivas e reprodutivas do trabalho do sexo**

Para compreender como o trabalho do sexo exerce funções produtivas e reprodutivas no circuito do capital é necessário remeter às suas origens no próprio surgimento do capitalismo. Com isso, não queremos dizer que a chamada profissão mais antiga do mundo é inaugurada com o capitalismo, mas que o avanço e a complexificação do sistema do capital determina mudanças para a realidade do trabalho e, também, para a do trabalho do sexo.

A prostituição é estratégica neste processo. Federici (2010) aponta para diversos períodos de institucionalização e gestão estatal e municipal dos bordéis, tendo como objetivo e alvo tático a dissolução das revoltas proletárias, já que o acesso era exclusivo das classes mais abastadas. A prostituição foi convertida em serviço público, reforçou o ataque sistemático por parte do aparelho de estado e da igreja aos populares sodomitas e às práticas orgásticas de seitas hereges, então impedidos de acederem a cargos públicos, de livre circulação nas vias urbanas, e controle nas oficinas de decência (Federici, 2010).

Com a decadência do regime de produção de subsistência, o cercamento dos campos, o fim da vassalagem e a formação das cidades pré-industriais, diversas ondas reacionárias misóginas foram estratégicas para o controle e exploração de mulheres, entre elas a impunibilidade da violação de mulheres pobres e solteiras, que decorriam na destruição da reputação e, em consequência, na expulsão das cidades ou em encontrar na prostituição a única atividade laboral possível. Ocorreu, também, a criminalização das organizações hereges, em especial as femininas e de bruxas; a instituição do casamento monogâmico burguês como forma de assegurar a propriedade privada; a criminalização dos métodos antinatalistas (abortivos), assim como a estatização do parto.

A instituição do regime monetário e de produção para o mercado acarretou na cisão do trabalho produtivo com o reprodutivo, “naturalizando” e “desvalorizando” o “trabalho de mulheres” (Federici, 2010: 112). Para Federici (2010), o processo de desvalorização do trabalho feminino



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

emerge no final do Século XV com a campanha dos mestres artesãos em prol da exclusão das mulheres das oficinas, tendo em vista a concorrência com os comerciantes capitalistas que já as empregavam a um preço menor, sendo que os artesãos também se associaram com as autoridades da cidade de limitação da circulação das mulheres ao espaço doméstico. Trata-se de um “contrato sexual” de reclusão, superexploração e objetificação das mulheres como “não trabalhadoras”, como um “bem comum” naturalizado e duplamente dependente dos homens e dos empregadores.

Trata-se de um extenso ataque de exclusão das mulheres de ocupações assalariadas (por exemplo, em trabalhos na decantaria e no parto), que institui a dependência em relação aos homens, sendo que a superexploração das mulheres auxiliava no processo de colapso dos salários do novo núcleo familiar. Assim, com o fim da produção para o uso e o desenvolvimento da tríade de complexos - capital, propriedade privada e trabalho assalariado - a grande desvalorização do trabalho de reprodução foi acompanhada da sujeição das mulheres ao processo de acumulação de capital não somente nos colapsos dos salários em geral (já que eram excessivamente exploradas no trabalho doméstico ou mesmo em ocupações marginais), mas também na sujeição ao 'não trabalho', o trabalho procriador que mercantiliza o corpo das mulheres em máquinas 'naturais' de fazer crianças, privando-as “da condição fundamental de sua integridade física e psicológica, degradando a maternidade à condição de trabalho forçado, além de confinar as mulheres no trabalho reprodutivo de uma maneira jamais conhecida em sociedades anteriores” (Federici, 2010: 142).

Coaduna-se a esse processo de perseguição, domesticidade e docilização do corpo da mulher, algumas iniciativas que impelem-na à reclusão doméstica e à maternidade:

O colapso do salário foi especialmente desastroso para as mulheres. No século XIV, as mulheres recebiam a metade do salário de um homem para fazer o mesmo trabalho; mas em meados do século XVI recebiam só um terço do salário masculino reduzido e já não podiam manter-se com o trabalho assalariado, nem na agricultura, nem no setor manufatureiro, feito que é indubitavelmente responsável da gigantesca extensão da prostituição nesse período. O que seguiu foi um empobrecimento absoluto da classe trabalhadora, tão estendida e generalizada que, em 1550 e durante muito mais tempo, os trabalhadores em Europa eram chamados simplesmente de 'pobres'. (Federici, 2010: 117)

Federici (2010) adiciona a este processo a intensificação da ideologia misógina instaurada pela reorganização capitalista do trabalho fortalecida pelas reforma e contrarreforma cristãs, decorrendo em ondas de proibição da prostituição e caçada às bruxas:



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

a bruxa (que vendia sua alma ao Diabo) era a imagem ampliada da prostituta (que vendia seu corpo aos homens). Tanto a (velha) bruxa como a prostituta eram símbolos de esterilidade, a personificação mesma da sexualidade não procriativa. Assim, enquanto na Idade Média, a prostituta e a bruxa foram consideradas figuras positivas, que realizavam um serviço social à comunidade, com a caça às bruxas, ambas adquiriram as conotações mais negativas – relacionadas fisicamente com a morte e socialmente com a criminalização – e foram rechaçadas como identidades femininas possíveis. (Federici, 2010: 271).

Para Federici (2010), Marx ignora o papel das mulheres em sua análise da formação do proletariado, remete a temas como a família (na relação nuclear da monogamia reprodutora e da poligamia), o trabalho de crianças, adolescentes e mulheres, também as políticas identitárias (de gênero e sexo). Para a autora, uma análise das mulheres no capitalismo necessita compreender: (a) o desenvolvimento de uma nova divisão do trabalho, que compreende o trabalho feminino, a função reprodutiva das mulheres e a reprodução da força de trabalho; (b) a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e sua subordinação aos homens; (c) a mecanização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres, uma máquina de produção de novos trabalhadores; (d) a caçada às bruxas dos séculos XVI e XVII – um ataque genocida às mulheres “desviantes”, e a modelos comunitários de família, que decorreu na produção do “trabalho normal de mulheres”, como um serviço individualizado, de propriedade privada, mesmo “natural” e não-salariado.

### **V. Considerações finais**

O entrave apresentado por Weitzer (2009) entre concepções funcionalistas e pós-estruturalistas está afundado em areia movediça. O debate aqui colocado se esforça para afastar-se dessa armadilha teórica. Não basta criticar o capitalismo a partir da categoria do trabalho; é necessário reiterar a centralidade do trabalho no capitalismo. As abordagens funcionalistas e pós-estruturalistas já partem da aparência do trabalho no espaço-tempo do capital e realizam debates inocuos acerca da inexistência/abolição desta atividade específica; ou a possibilidade de reformas e conquistas civis que minimizem a depreciação do inevitável (ao menos para eles).



## XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

No crescimento de estudos acerca do trabalho do sexo ronda o espectro de Foucault, que compreende-o como um 'dispositivo' que se articula com os dispositivos da sexualidade, de raça, de nacionalidade etc. A afirmação de a necessidade de pesquisas mais plurais que englobem a história de vida destes trabalhadores, mais dados acerca de dos michês, das transexuais, novos cortes e recortes cartográficos das cidades, novos pontos de irrupção e descrição de práticas mortas (Weitzer, 2009) reforçam a abordagem pós-estruturalista que termina por enxergar na prostituição (e no trabalho do sexo de modo geral) uma possibilidade de emancipação e autorrealização de quem se prostitui. Evidentemente, não nos posicionamos contra a compreensão da prostituição em suas mais diversas manifestações, desde que isso seja feito de modo a desvelar suas determinações essenciais.

Reiteramos a necessidade de compreender a relação dialética entre fenômeno e essência. Nesse sentido, cabe trazer a afirmação de Marx (2004, p. 107) de que “a prostituição é somente uma expressão *particular* da prostituição universal do *trabalhador* e, posto que a prostituição é uma relação na qual entra não só o prostituído, mas também o prostituidor - cuja infâmia é ainda maior - assim cai também o capitalista etc., nessa categoria”.

Por isso, compreendemos que a prostituição é a categoria central para compreender a organização da indústria do sexo, pois compõe a essência do trabalho no capital. Essência em sua centralidade na concepção, organização e produção da vida por ele posta. E esta centralidade se explicita de forma mais evidente por todo esforço de a escamotear ou a setorizar. É a aparência do essencial e por isso deve ser combatida. E novamente vemos nossos críticos-transgressores fenomênicos em ação. Ou seja, a prostituição é tomada como uma entre as atividades desta indústria, a cara suja do evidente, em seu lado *lumpen* de rua e dos puteiros. E esta perspectiva tem alimentado o que há de mais quente nos debates atuais, a sindicalização das trabalhadoras do sexo.

Entendemos, por fim, que a retirada do debate ontológico acerca da prostituição e da indústria do sexo é auxiliar à reorganização do complexo de trabalho no capitalismo, no qual assume de forma inédita centralidade na dominação das relações sociais. Nesse sentido, falar em trabalho do sexo, expressão que usamos nesse texto, constitui um erro. Cabe ressituar a atividade da prostituição *ipsis literis*, reconectando-a à indústria do sexo e à totalidade do trabalho no contexto da reestruturação produtiva no Brasil contemporâneo.



**XXXI CONGRESO ALAS  
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

## **VI. Bibliografía**

- Antunes, R. (2002). *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Rio de Janeiro: Cortez.
- Duayer, M., Medeiros, J. (2008). Marx, Estranhamento e Emancipação: O Caráter Subordinado da Categoria da Exploração na Análise Marxiana da Sociedade do Capital. *Revista de Economia*, Curitiba, v. 34, p. 151-161.
- Dussel, E. (2012). *A Produção Teórica de Marx: um comentário aos Grundrisse*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular.
- Federici, S. (2010). *Calibán y la bruja*. Mujeres, cuerpo y acumulación originaria, Buenos Aires: Tinta Limón.
- Gall, G. (2007). "Sex worker unionization: An exploratory study of emerging collective organization". *Industrial Relations Journal*. Vol. 38, p. 70–88.
- Gall, G. (2016). *Sex Worker Unionization: Global Developments, Challenges and Possibilities*. London: Palgrave.
- Lessa, S. (2014). *Lukács: ética e política*. São Paulo: Instituto Lukács.
- Marini, R. M. (2005). Dialética da Dependência. In: Traspadini, R., Stedile, J. P. (orgs.). (2005). *Ruy Mauro Marini: vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular, p. 71-113.
- Marx, K. (2007). *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse)*. 1857-1858. 20 ed. Ciudad de México: Siglo XXI.
- Osorio, J. (2017). *Reproducción del capital, Estado y sistema mundial: estudios desde la teoría marxista de la dependencia*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia.
- Weitzer, R. (2009), Sociology of sex work», *Annual Review of Sociology*, 35, pp. 213-234.